

**1. Diário dos 1.104 klmts. – I<sup>1</sup>**

*Com Mário de Andrade e A. B. de Araújo  
Lima rodamos 1.104 Quilômetros. As notas  
seguintes registram essa viagem.*

De Natal-Lages corre-se entre o mato seco. Procurando o Cabugy negaceante. Depois do almoço pertenco aos tormentos do raciocínio. Epitácio Pessoa, o antigo Gaspar Lopes, surge como um monte vermelho de casas sem gente. Um ar assustado opresso sinistro. Um mormaço pesadão teimoso e acre, bafora quenturas de coivaras. Xiquexiques. Correrias desabaladas de auto para respirar-se. Para fugir-se ao encontro do gado que foi desenhado por Cícero Dias. Nem um rumor de alegria. Um tom de lilás e de cinza. Os arruados passam. Monotonia de cansaço e de tédio. Conversinhas morremorando estimuladas pelas emboladas de Bento à Chico Antônio, coqueiro fabuloso do Bom-Jardim. Caminhões. Anuns. Vezes a nódoa do gavião. A estrada torta se direita e dispara em retas saborosas pedindo os noventa quilômetros no velocímetro. Depois de juremas, pedras e facheiros, os pereiros gritam um verde úmido. O juazeiro continua pintado de inverno, desmentindo o negro-cinzento do ambiente. É agora um estirão sacudido, puxando nervos para um grito de vida. Depois as filas de sal amontoado. Barracas dum acampamento. E, no fim do aterro, Macau. (18-1-29).

*A República, 29 jan. 1929, p. 01*

---

<sup>1</sup> Coletado por Maria da Conceição Dantas Monteiro, Maria Aparecida de Almeida Rêgo e Franselma Fernandes de Figueirêdo. Revisão de Humberto Hermenegildo de Araújo e Igara Félix da Silva.

## 2. Diário dos 1.104 klmts. – II

Em Macau limpei o olhar cansado no cinzento da paisagem que a seca mastigara em poeira. Deu a salina a nota de alvura que faltava à vista triste de ver escurezas soturnas e monótonas. Um gosto sereno, correr de auto entre as barreiras de sal. E na tarde os moinhos redondos rodam, lentos. O prefeito Armando China, santo de casa obrando milagre, troca em miúdo explicações. Visitas às salinas. Pereira Carneiro. Sal do ano passado. Trituração. Horário de trabalho. Preferência pelas horas da noite. Dois mil operários grudam a vida àqueles montes que parecem areia do morro. O sr. José Bento explica. Depois passeia-se. Um terreno passa sem a nódoa de branco. Não se trabalha. Não se vende. Pergunto detalhes. Naturalmente o domínio útil do terreninho peso-de-ouro não é dado para a ineficácia dele. Perde tanta gente... Num deles o Governo da União perde 200, o do Estado 70 e o do Município 10 contos. E a Companhia Commercio e Navegação tem setenta e quatro terrenos saliníferos e trabalha em sete. Apenas em sete.

Outro caso engraçadinho é o da paralisação banal nos serviços ferroviários. Em Macau, desde 1917, está uma locomotiva. Levaram-na para lá. E lá ficou, apodrecendo dentro dum mocambo de zinco. Inútil como um bicho morto. Numa só coisa serviu a locomotiva. Um devoto carregou-lhe a sineta. Está servindo numa capela, fingindo sino. O resto do esforço abandonado vê-se, para direita dos quatro quilômetros do aterro-avenida, em cortes caros e valetas esboroadas.

A cidade parece com todas as cidades. Um marco numa praça. Ruas, largos, autos, carinhas espiam curiosas. Na calçada da pensão os elegantes conversam, à sombra. Na igreja comum uma ingênua Nossa Senhora abençoa dum nicho imposto no frontão.

Ante o sobradinho que estou as papoulas estiram folhinhas machucadas e sujas. Cidade quieta, modorrando. E assobia, violento, em lufadas bruscas e reviravoltas, um vento gemedor que faz secar os baldes cheios d'água grossa de sal. (18-1-29).

*A República*, 30 jan. 1929, p. 01

### 3. Diário dos 1.104 klmts. – III

Depois do jantar, um jantar conversado e saboroso, volta-se de carro ao Aterro. Há uma ameaça de luar e as dunas de sal alvejam. Vamos passando e o Oakland escorrega no barro macio. Os moinhos rareiam. Dizem-me que o motor os substitui. A paisagem holandesa desaparece. É uma perda que dá lucro. Lucro de tempo e de rendimento econômico. De regresso, fico lá fora, fumando. Estalos de bilhar. Luarzinho tímido romantiza a praçuela da Conceição. Meninas, rapazes, troças de palavras. O sertão está se praceando. Em todo cochicholo, de Lages até aqui, deparamos todas as cunhãs com as bochechas lambuzadas de encarnado. Bancando o *rouge*. E nenhuma com a trança das modinhas saudosas de Lourival Açucena e do Padre Areias. (18-1-29).

*A República*, 31 jan. 1929, p. 01

**4. Diário dos 1.104 klmts. – IV**

Saindo de Macau, voa o Oakland nos futuros aeródromos. Campos duma largura de encanto. Pisa-se o acelerador e vamos a 92 por hora... durante minutos. Esta travessia do vale do Assú é pura maravilha. Maravilha de vida movimentada e álcere. Dura o segundo corte das carnaúbas. Vai por aqui um berro de animalidade feliz. Corremos entre povoações sucessivas, cheias de vestidos escarlates e ao longo de carnaubais imóveis, as chatas palmas ao vento mole. Vidinha governada aos guinchos do instinto. Do fácil ganho diário. Região de sambas e de cantorias. Terra de poetas. Uma delícia este correr para cidade no meio de tanta alegria esparsa e diluída no ar.

Em Assú demoramos um café. Há um sobradinho com telhado em cauda de andorinha, que me agrada. As catanduvras e juremas sem folhas substituem o carinho visual do vale atravessado. Até Espírito Santo o caminho enrosca-se, serpeando maluco. Após, a estrada melhora. Melhora mesmo. Augusto Severo passa. Vilazinha panema, com esse ar doentio e trombudo dos amaleitados. Bate-se para Caraúbas sob um solão de brasa soprada. Caraúbas aparece, ofuscando no meio-dia de seu casario pintado de branco estridente. Não há uma só árvore de sombra. O sol retine nas praças quadradas de barro rubro. Com um almoço estilo ema, abraçamos Graciliano Mello e partimos. Calor. Calor. Calor. Derredor do automóvel galopam cães de focinho preto e orelhas aparadas. Bate-bate das cancelas. Roda-se num chão esplêndido. Ausência de tabuletas indicando a direção dos caminhos ótimos. Descobrimos que Martins não se chama Pau dos Ferros. Caçada ao caminho que se esconde. O Oakland trepa nas pedras cabritando equilíbrios cômicos. Seguimos o piso duplo dos carros de boi. Achamos caminhos para perdê-los depois. Novamente. Tardinha. Tardinha baça e quente. Finalmente, numa baixa, Gavião. (19-1-29).

*A República*, 01 fev. 1929, p. 01

## 5. Diário dos 1.104 klmts. – V

Gavião é a ex-futura Divinópolis, nome bonito que o povo deixou de aprender. Tomamos café substituindo pneu. Falam de Lampeão e dos seus companheiros. Da morte de três rapazes. Da passagem do bando alarmando tudo. Os bichos despertavam e berravam, assombrados. E os cangaceiros iam cantando e puxando harmônios. Os moços que foram caçar Lampeão foram caçados. Deixamos Gavião que será vila brevebreve. Agora o caminho desapareceu. [ilegível] solto, [ilegível]<sup>2</sup>, descidas a pique, súbitas curvas fechadas. Passamos as cruzeiras que marcam os lugares onde os rapazes caíram. Um deles, ainda vivo, teve os olhos arrancados e foi picado a faca, devagarzinho e sem deixar ponto que o punhal não varasse. Esta é a cruz mais cheia de pedras que representam orações.

Que pulos! O auto charlestona, trepando, esbarrando, parando, bufando. Anoitece. De cinco em cinco minutos dão distâncias diferentes. Uma falta absoluta do senso das distâncias. Vento rodador. Céu pintadinho de chumbo. Friozinho traz-chuva. Subimos a serra da Mombaça. Cai a chuva. Tempestade na serra. Tempestade clássica. Teatral. Trovão estalante. Relâmpago vivo, largo, clareador. Chuva forte, em retas teimosas, infundável. Vento de lado. Molhamos a roupa e a energia. Derrapagens. Vamos lentamente. Com medo fantasiado de precaução. Ladeiras, aclives, curvas, voltas bruscas. Chuva. Vento. Trovão. Relâmpago. Relâmpago iluminador, num lívido ornamental, a trilha sinuosa. Treva muito parecida com aquela da “Caridade e Justiça” do finado Guerra Junqueira. Noite fechada. Escuridão dura que o relâmpago vai furando em lilás instantâneo. Tempestade na Serra. Que falta de Antonios Morenos e de Tom Mix para um film de efeito. Aqui dá saudade a ordem pelo megaphone cretino. O vento passa quebrando árvores. E voa em distantes bramidos. Vermelhos longes dizem coivaras de cercados tardios. Adivinha-se Boa-Esperança. Casas espaçadas, sacudidas a esmo num lombo de terra. O carro adianta-se inquirido pelas perguntas medrosas e detalhadas. Pavor de Lampeão. Às nove horas estamos no “hotel” de Justino Ferreira, já jantados, ceados, enxutos e deitados. Salomão Salles Levy, inglês que fugiu do “fogo” londrino para ser agente da Mesa de Rendas em Boa Esperança, encarrega-se de conversar. Os vaga-lumes riscam o quarto. Adormeço. (20-1-29).

---

<sup>2</sup> Nota dos revisores: As partes ilegíveis corresponderiam a “Pedrouçal [Pedrouço (?)] [solto], rolante e vadio”, mas não nos arriscamos a transcrever do original com exatidão.

**6. Diário dos 1.104 klmts – VI**

Esta subida à serra do Martins é uma delícia. Um encanto de vista e de descanso aos olhos. Um verde molhado e um ar de frescura repousada. A tempestade de ontem cortou mato. O caminho torteante está tapetado de ramos. Subimos mais. Inopinadas aberturas na mata rala, que parece desmentir que é vegetação de serra, deixam que o olhar escorregue pelas encostas da cordilheira-mirim, desdobrada numa sucessão de corcovas e de espigões em azul recente. Os pomares dão uma nota de vida amável. Martins aparece, quase brusca, no araxá. Cidadezinha-arrabalde, pintada de novo, com igreja dum azul infantil que saiu dos quadros de Tarsila, espera transportes íntimos com abraços e perguntas pela família.

Acende-se a conversa. Conversa de velharias com gente que só é velha na idade, José Ignácio, Manuel Onofre. Almoço lento. Passeio filosófico com Jocelyn Villar tão saudoso de Natal como Natal saudoso dele. Às doze horas rodamos. Deixei o chapéu e levei uma saudadezinha misturada com o remorso de ter demorado pouco. Felizmente não vimos a Casa de Pedra, banalidade que se pregoa vistosamente. Outra descida gostosa. Perdemos caminho outra vez. Aqui vamos trepando ladeiras, furando serrotes, degringolando nas lapas, deslizando em pisos feitos de sabão.

Agora a estrada invisível findou num lance de cerca. Rodamos, assunto, Boa-Vista, Mata-Pasto. Olho d'água... Finalmente o Oakland direita carreira para Catolé-do-Rocha. As serras se aprumam plagiando conhecidas orografias de Rio e Victória. Serrania bruta, aglomerada em massa sisuda, dando lição de austeridade ao caminho brincador em curvas íngremes. Continuam os vestidos encarnados, e o mato seco dá um aspecto sinistro de catástrofe. Transbordamentos remexidos de pedras grandes e itaúnas, longes, alegradas pelo acamado dos mofumbos. Breves vermelhos de cipó bugi. Estamos rodando em terras de Parahyba. Tardinha. Catolé-do-Rocha, vila seriazinha, com igreja larga, procissão e estouros de foguetes, apresenta-se. No cinzento da serra uma pincelada branca — a capelinha da Nossa Senhora do Monte Serrat. Numa laje vertical letras negras vivem o dr. J. S. que me dizem ser o ex-presidente. Cata-se água mineral. Numa vendinha há um letreiro surrealista. Fiado? Nemnem! Volta ao quadro-da-rua. Num carrinho, trejeitando esgares, grunhe uma idiota surda-muda, parálitica. Junto, acorçada, de cara tapada, a mãe do monstrozinho canta, esmolando. Toada

melancólica cuja linha melódica, de simplicidade extrema, é maravilhosa de beleza sugestiva. Saímos recusando ver um homem que tinha peitos de mulher. Persegue-nos a cantinela da mulher perto da filha maluca. Estrada melhor, melhor. Anoitece. O auto para-parando respeita o equilíbrio de senhoras soturnas montadas em silhões altos.

Noite em Brejo-do-Cruz acachapada no escuro. Lindo portão do cemitério. Jantar de queijo e bolachas. A treva não nos deixa ver um famoso “Viva o Dr. Epitácio” numa altura inacreditável. Com luar amassamos em retas saborosas areia solta e grossa de tabuleiros e beira-rios. Jardim de Piranha passa dorminhocando dentro da noite. Carreira para São Fernando, que se some, esboroada e feia, como uma sombra. Às 21 e meia entramos em Caicó, já clara e acolhedora, iluminada e policiada. Caímos dormindo. (21-1-29).

*A República*, 03 fev. 1929, p. 01